



SEMINÁRIO IBÉRICO DE EDUCAÇÃO MUSICAL

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Boletim 81

Abril / Junho 1994

O BACHARELATO EM FORMAÇÃO MUSICAL ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA

João Pinheiro*

Ao começar esta intervenção gostaria de agradecer à Direcção da APEM e à comissão organizadora deste seminário o convite que me foi feito enquanto responsável e coordenador do Bacharelato em Formação Musical da Escola Superior de Música de Lisboa a fim de vir aqui apresentar esta nova formação profissional de professores de Formação Musical, em funcionamento há já dois anos.

Este convite confirma o lugar de destaque que este curso está já a ter no meio musical português, sendo o primeiro curso superior de formação de professores para o ensino específico da Música nas escolas vocacionais.

Começarei por fazer uma breve análise do que, para mim, são os verdadeiros objectivos da Formação Musical e os seus conteúdos, fazendo seguidamente a descrição dos meios que pusemos ao dispor dos nossos alunos do curso de Formação Musical, apresentando a sua estrutura e organização assim como os seus conteúdos e as suas orientações pedagógicas.

Gostaria que fizéssemos um breve paralelo entre o ensino musical e o ensino geral. A criança, antes de começar a ler ou a escrever, desenvolveu o seu vocabulário através da sua vida familiar e social, integrando, pouco a pouco e através de um processo imitativo, todos os elementos necessários à comunicação com o seu mundo. Só depois é que a codificação se faz, sendo ela sempre encarada como uma necessidade tendo em vista a sua futura e progressiva autonomia.

As letras e as palavras escritas não são um objectivo em si, mas sim uma representação de uma parte do todo, que é o discurso com uma lógica e com conteúdo.

Assim a vida prática quotidiana e as suas actividades escolares estão intimamente ligadas, o que é uma condição necessária mas não suficiente, para o sucesso das mesmas.

Apesar das tentativas mais ou menos bem sucedidas dos chamados métodos activos, o ensino da Formação Musical e os seus conteúdos têm-se distanciado gradualmente da prática e da realidade musical nesta segunda metade do séc. XX.

Pouca ligação é feita com a actividade musical do aluno, quer ele seja instrumentista ou cantor ou ainda um verdadeiro amador de música. Os conhecimentos adquiridos na aula de Formação Musical ficam dentro da sala de aula não tirando o aluno grande benefício para a

sua prática instrumental ou para o seu desenvolvimento cultural e artístico.

Para mim, o grande objectivo da Formação Musical é ser um meio de desenvolvimento cultural e artístico e meio de desenvolvimento da expressão musical.

Eis alguns exemplos do que acabo de dizer.

Diz-se que a música tem 4 parâmetros: altura, intensidade, duração e timbre. A aula de Formação Musical deveria pelo menos (e digo bem pelo menos pois já se trata aqui duma definição bem redutora da música) englobar estes 4 parâmetros, mas nem isso. A altura resume-se a 4 oitavas pois ditados e cantos têm forçosamente, e por motivos físicos, uma tessitura reduzida. A intensidade é abordada como uma questão puramente teórica não sendo realizada nenhuma acção prática nesse âmbito. O estudo da duração, resume-se a ditados e leituras rítmicas faladas e quanto ao timbre os dois únicos instrumentos utilizados são o piano e a voz.

Que pobreza, tendo em consideração a variedade e riqueza da música, e tudo isto porque não nos servimos da boa matéria-prima de que dispomos, ou seja a verdadeira música, património universal, tal como nas escolas obras literárias servem de base ao ensino da língua.

Enquanto se insistir na formação do músico através de um encadeamento de exercícios, vazios de conteúdo musical, sem nenhuma aplicação prática e sem nenhum valor estético, sem outros objectivos que a realização dos próprios exercícios, enquanto não dermos aos nossos alunos um verdadeiro património musical, abrangendo os mais variados tipos de música de todos os tempos, não teremos músicos verdadeiramente formados e desenvolvidos.

Ainda hoje sei de cor alguns dos solfejos cantados que trabalhei durante os meus estudos em Lisboa. Quando sabemos que a vida é curta demais para que possamos usufruir de toda a verdadeira música existente, para quê ocupar a cabeça com música de qualidade inferior daquela que existe e que é reconhecida em grande parte do planeta?

Para quê estudar as diferentes claves se nunca se aplica numa leitura de partituras, de orquestra ou de música de câmara?

Como é possível aceitar que o estudo das dinâmicas/ /intensidades faça parte da teoria, sabendo todos nós que

não existe música sem dinâmica?

Muitas contradições como estas estão ainda infelizmente presentes no ensino actual da Formação Musical nalgumas Escolas de Música e Conservatórios.

Nuns inquéritos realizados pelos meus alunos do bacharelato em Formação Musical aos alunos do ciclo preparatório, à pergunta "o que fazem nas aulas de Educação Musical" a resposta foi unânime: "aprendemos os sustenidos, os compassos, teoria e cantamos canções infantis batendo palmas". À pergunta "o que gostavam de fazer nas mesmas aulas", a maioria das respostas foram: "prática musical através de instrumentos e do canto, audição de música e compreensão da mesma". Apesar de se tratarem de alunos da escolaridade geral estaremos assim a formar/desenvolver verdadeiros músicos ou estaremos a tentar impôr noções teóricas, sem nenhuma aplicação prática imediata, noções que lhe são completamente desnecessárias e incompreensíveis, não respondendo de todo à sua expectativa.

António Aleixo não deixa de ser considerado um grande poeta apesar de ser analfabeto.

Como é possível aceitar este comentário vindo de tantos amadores: "Eu cá não sou músico, pois só toco de ouvido". Bem, se toca de ouvido, é porque o tem... Conheço pelo contrário muitos instrumentistas que sabem ler música mas que ouvido não têm. O que será mais importante: saber ler ou saber ouvir?

Estas foram algumas das reflexões que fizemos e que nos levaram a tirar conclusões que se tornaram imediatamente as principais orientações pedagógicas do Bacharelato em Formação Musical da Escola Superior de Música de Lisboa.

O verdadeiro conteúdo da aula de Formação Musical deverá ser a própria música. Toda a aprendizagem deve ter como ponto de partida a música, sendo ela também o ponto de chegada. Isto não quer dizer que não haja um trabalho técnico mais sistemático a realizar, a fim de assentar e desenvolver os conhecimentos. Não se estuda o Hanon ou o Pischna como um objectivo em si, mas para melhor se enfrentar determinado tipo de problemas pianísticos que dificultam a realização artística da obra. A técnica como um meio ao serviço da música é infelizmente uma noção um pouco esquecida.

Porquê proceder então de maneira inversa na Formação Musical, onde todo o aspecto técnico se encontra quase sempre desligado da prática musical?

Uma aula de Formação Musical sem música não é uma aula de Formação Musical. E por música eu entendo Bach, Beatles, Rui Veloso, Messiaen, Lopes Graça, Jacques Brel e tantos outros de tão diversos horizontes.

O objectivo deste Bacharelato em Formação Musical é a formação de professores de Formação Musical para o ensino vocacional ou seja para as escolas de música e

conservatórios, públicos ou privados, estando a formação de professores de Educação Musical do ensino geral a cargo das diferentes Escolas Superiores de Educação.

Num futuro que eu espero próximo, esta será a habilitação adequada e necessária para a candidatura ao lugar de professor desta matéria nas diferentes instituições.

Qual é a lógica de nomear um diplomado (Bacharel ou Licenciado) em instrumento ou musicologia para leccionar a Formação Musical, quando o ensino desta matéria é tão específico como o do instrumento ou como as matérias de cultura musical, requerendo por isso uma formação tão específica dos professores?

O Curso actualmente confere o grau de Bacharelato ao fim dum plano de estudos de 3 anos, sendo futuramente completado com um ou dois anos de licenciatura.

O conjunto das cadeiras, que se mantém quase inalterado durante os 3 anos, está dividido em 4 áreas com as seguintes cadeiras:

- | | |
|----------------------|---|
| A - Formação Musical | - Formação Musical |
| B - Prática Musical | - Leitura à 1ª Vista ao Piano
- Harmonização e Improvisação ao Piano
- Técnica Vocal
- Conjunto Vocais e Instrumentais |
| C - Cultura Musical | - Análise Musical
- Harmonia, Orquestração e Instrumentação |
| D - Pedagogia | - Pedagogia da Formação Musical
- Pedagogia da Iniciação Musical
- Psicologia do Desenvolvimento |

Para além destas 10 cadeiras os alunos poderão ser obrigados a seguir, durante 2 anos, a cadeira de História da Música se o resultado das provas de acesso assim o decidir, assim como seminários de curta duração sobre matérias não abordadas durante a escolaridade.

A cadeira de Formação Musical, com uma carga horária de 3h/semana tem como principal objectivo o desenvolvimento das capacidades auditivas dos alunos. Todas as sequências de trabalho têm como base obras dos grandes compositores que marcaram a História da Música e todas as dificuldades técnicas são trabalhadas no contexto original. Novas estratégias são utilizadas: por exemplo, o Questionário Analítico em que uma série de perguntas técnicas, estilísticas e históricas são feitas, às quais o aluno deve responder após a audição de uma boa obra musical ou de um excerto. O Ditado com Buracos: é uma partitura de Música de Câmara, de orquestra ou de coro na qual algumas partes de alguns instrumentos foram substituídas por pautas virgens e que o aluno deve completar através da audição da gravação do fragmento. É um trabalho excelente pois leva o aluno

a relacionar os elementos escritos dados (harmónicos, rítmicos, melódicos, de pontuação, por exemplo) com aqueles que vai ouvindo e que pretende escrever. "Detalhes" como o fraseado ou dinâmica deixam de o ser e passam a ser parte integrante do trabalho.

No Ditado Rítmico com Notas Dadas, dadas as notas de uma ou mais frases musicais tem o aluno de completar o ritmo através da audição da gravação. Este trabalho obriga nomeadamente o aluno a adaptar-se às pequenas flutuações da pulsação e do ritmo que os intérpretes possam fazer, a bem da música, claro está.

Muitas das estratégias utilizadas habitualmente nas aulas de Formação Musical, tais como ditados de acordes e detecção de erros também são por nós utilizados, mas tendo sempre como suporte uma verdadeira obra musical.

Uma grande importância é dada à actividade vocal, exigindo por exemplo uma leitura cantada muito mais do que afinação e ritmo. O fraseado, a cumplicidade são parâmetros indissociáveis nessa actividade.

As leituras de claves fazem-se sempre através da leitura de partituras de orquestra, de música de câmara, de instrumentos transpositores.

Enfim, para ver o que realmente se faz nestas aulas é necessário passar umas horas na Escola Superior de Música de Lisboa, onde estes temas serão abordados com maior profundidade e de um ponto de vista eminentemente prático.

Na área da Prática Musical, as 4 cadeiras levam o aluno, através de diferentes acções, a assumir-se e a desenvolver-se como músico praticante, para além de fazerem realmente parte da bagagem necessária de todo o professor de Formação Musical. A Leitura à 1ª Vista ao Piano para poder por exemplo, acompanhar os alunos em textos do repertório e a Técnica Vocal para desenvolver as suas aptidões vocais e os sensibilizar para os possíveis problemas vocais dos alunos. A Harmonização ao Piano desenvolve uma relação diferente entre o aluno, a obra musical e o piano. Dada uma melodia, deverá o aluno ser capaz de a harmonizar ao piano no estilo do compositor. Textos de Bach, Schubert, Beethoven, Mozart, Schumann têm sido trabalhados a par de canções populares portuguesas. Uma iniciação ao Baixo Contínuo é também feita nesta cadeira.

A partir do 2º ano os alunos formam entre si diversos conjuntos instrumentais e/ou vocais, trabalhando repertório de Música de Câmara muito variado. No âmbito da cadeira Conjuntos Vocais e Instrumentais os 5 alunos do 2º ano trabalham neste momento e para piano a 4 mãos: Ravel - *Ma mère l'oye*, Dvorak - *Dança eslava*, Debussy - *Parte da Petite Suite*, a *Missa* a 3 vozes de W. Byrd, *Canções Sacras* de Monteverdi.

A avaliação final desta cadeira consistirá num concerto dado pelos alunos.

A área de Cultura Musical com 4h/semana (mais 2h eventualmente de História da Música) pretende desenvolver e relacionar através da Análise, da História de Música e da Harmonia os diferentes elementos estilísticos característicos de cada época e de cada compositor. A Instrumentação e a Orquestração foram incluídas nesta formação uma vez que, como já tiveram a oportunidade de constatar, são necessários ao professor conhecimentos práticos sobre os instrumentos.

A Área Pedagógica (6.30h/semana) que no fundo é o específico do curso compreende 3 cadeiras. Na Pedagogia da Iniciação Musical e na Pedagogia da Formação Musical é feita toda a reflexão sobre os objectivos e os meios da Formação Musical destinada a crianças a partir dos 3-4 anos, até ao fim dos estudos. Nestas 5h/semana, para além da preparação de sequências de aprendizagem e de simulação das mesmas, a partir do 2º ano, e com a colaboração de várias instituições foi dado início às sessões de prática pedagógica. Assim os alunos do 2º ano já foram, e por várias vezes, dar aulas de Iniciação Musical a crianças de 4-5 anos ao Jardim de Infância das Mercês, em Lisboa, jardim de infância que mostrou desde o início a maior disponibilidade para a realização destas acções práticas.

O mesmo aconteceu com diferentes turmas de Formação Musical da Escola de Música do Conservatório Nacional, em que os alunos do curso realizaram as aulas previamente preparadas. Algumas destas aulas foram filmadas em vídeo o que nos proporcionou uma sessão de balanço extremamente positiva e enriquecedora.

Tenho comigo os dossiers de preparação destas aulas e será com todo o gosto que eu ou os meus próprios alunos aqui presentes comentarão os conteúdos no decorrer do debate. Ainda este ano realizaremos umas sessões práticas nalgumas turmas de Formação Musical do Instituto Gregoriano de Lisboa.

Na cadeira de Psicologia do Desenvolvimento pretende-se fazer uma descrição do devir humano com enfoque especial na criança e no adolescente. São analisadas as necessidades psico-sociais na perspectiva das diferentes correntes da Psicologia. Tal estudo, a desenvolver em dois anos, proporcionará uma maior compreensão da pessoa do aluno, do próprio professor e do meio envolvente, sem esquecer os processos interactivos do acto de aprender que são centrais na pedagogia.

A carga semanal global é, em média, de 17.30h a 19.30h/semanais.

Gostaria de vos comunicar o nome dos diferentes professores da Escola Superior de Música que formam a equipa pedagógica deste curso: Margarida Fonseca Santos e Cristina Brito da Cruz (Formação Musical,

Harmonização e Improvisação ao Piano), José João Gomes dos Santos (Leitura à 1ª Vista ao Piano), Joana Silva (Técnica Vocal), Roberto Pérez (Conjuntos Vocais e Instrumentais), Carlos Caires e Sérgio Azevedo (Análise Musical, Harmonia, Orquestração e Instrumentação), Ana Maria Ferrão e Mário João Barros (Pedagogia da Iniciação Musical), João Noronha (Psicologia do Desenvolvimento) para além de mim próprio que assumo a cadeira de Pedagogia da Formação Musical partilhando com as minhas colegas Margarida Fonseca Santos e Cristina Brito da Cruz a Formação Musical dos nossos alunos.

Para se candidatar a este curso superior, é necessário possuir a Prova de Aferição e um curso complementar de música ou o 12º ano de escolaridade em qualquer via. Seguem-se as provas escritas eliminatórias comuns a todos os candidatos à Escola Superior de Música de Lisboa, provas essas que versam sobre a História da Música e a Análise Musical.

As provas específicas a este bacharelato são: uma prova escrita composta de um ditado instrumental com buracos, um ditado de um coral de Bach e um ditado rítmico a 1 e 2 vezes que estabelecem um compromisso entre a realidade actual e os nossos princípios.

A prova oral é composta de uma leitura à 1ª vista ao piano, uma outra cantada e de uma prova de execução instrumental ou vocal, à escolha do candidato, terminando a admissão com uma curta entrevista.

Tenho comigo para divulgação alguns exemplares das provas modelos e dos exames de acesso destes 2 anos para vossa consulta, assim como as provas do exame final do 1º ano de Formação Musical. No caso de não haver exemplares em número suficiente basta comunicar-nos a vossa morada que a Escola Superior de Música de Lisboa se encarregará de vos enviar a documentação em questão.

O balanço destes dois anos escolares é, a meu ver e no entender de toda a equipa pedagógica e da direcção da Escola Superior de Música de Lisboa, francamente positivo. Todos os alunos têm feito imensos progressos, à custa de muito e muito trabalho, esforço e dedicação sabendo apesar disso que muito ainda está por fazer,

sendo os progressos já realizados o melhor estímulo.

Várias instituições escolares portuguesas já começaram a interessar-se pelos nossos alunos propondo-lhes lugares de professor mesmo antes de acabarem o curso, o que demonstra a importância que este curso terá num futuro breve na base e em toda a pirâmide estrutural do ensino vocacional da música.

Após estes 3 anos de Bacharelato, e no âmbito dos futuros DESEs da Escola Superior de Música de Lisboa, este curso também será prolongado de mais um ou dois anos, anos esses que terão como principal objectivo a inserção definitiva dos estudantes no meio profissional de uma forma cada vez mais autónoma.

Este grande projecto, que começou a ser estruturado há já 3 anos começa agora a atingir um primeiro ponto de maturidade, digamos, juvenil. Não se trata de uma realidade definitiva e estática, mas sim duma contínua reflexão que nos leva regularmente a repensar, reorientar, retrazar caminho.

Pedagogo em grego antigo significa "aquele que acompanha a criança". Era a pessoa que estava encarregue de levar as crianças aos locais de instrução, de lazer e de actividades sociais, mostrando-lhes a realidade da vida, adaptando-se aos diferentes caminhos e às diferentes crianças de que era responsável.

Para mim, hoje mais do que nunca, Pedagogo continua a ter este sentido: mostrar caminhos numa perpétua e mútua adaptação.

De Edgar Willems: "A escrita, a leitura, o conhecimento intelectual das leis da harmonia e da composição não serão um objectivo em si mesmo mas tão-só meios para a fixação do pensamento sonoro ou para a sua transmissão aproximada. Estes meios só serão válidos se nunca se perder de vista o domínio sonoro, real ou imaginário."

De Debussy: "Fez-se música para o papel, sendo ela feita para o ouvido."

* João Pinheiro - Professor do curso de bacharelato em formação musical da Escola Superior de Música de Lisboa .